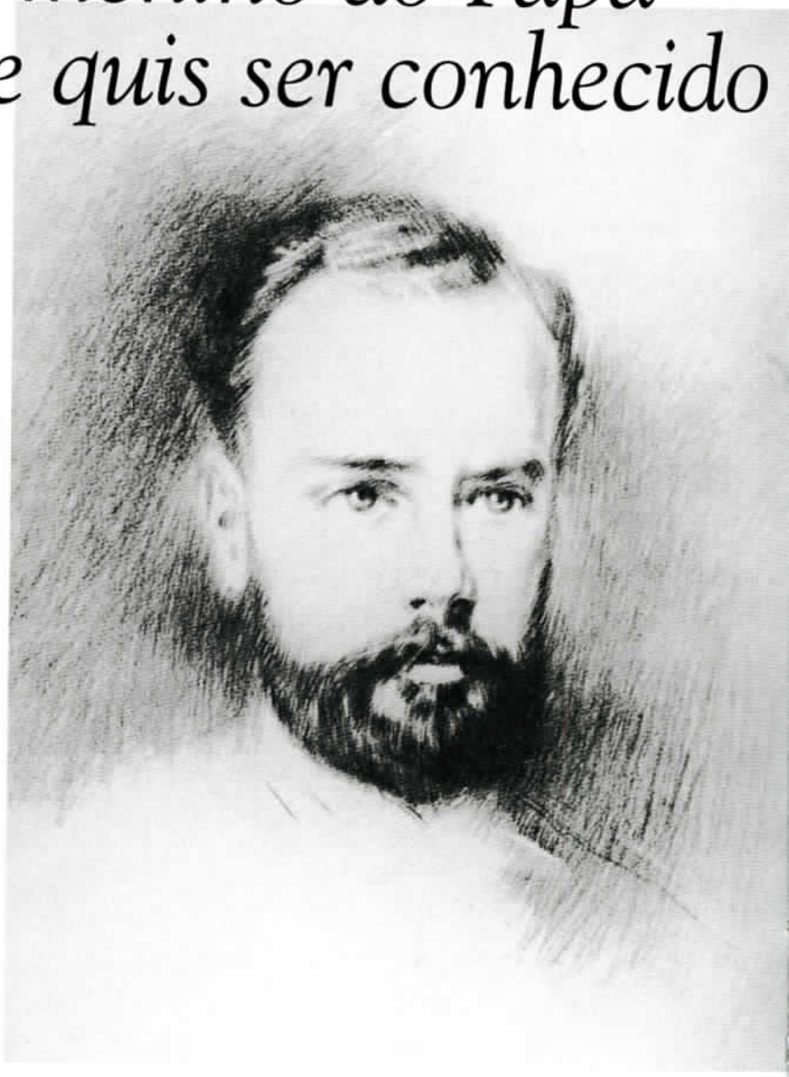
«ESCREVO-LHE A PARTICIPAR-LHE QUE VOU VIVENDO TUSSO SOMENTE

Cartas de um menino do Papá que quis ser conhecido

Tereza Claúdia Tavares *



Júlio Dinis, aliás Joaquim Guilherme Gomes Coelho, viveu por meados do século passado (1839-1871). Foi um autor de sucesso imediato, tanto com a crítica como com o grande público. Começou por escrever peças de teatro logo aos dezassete anos, mas o êxito veio-lhe da publicação de romances *As Pupilas do Senhor Reitor, Uma Família Inglesa, A Morgadinha dos Canaviais.* Ainda assistiu à publicação do livro de contos *Serões da Província,* mas o romance *Os Fidalgos da Casa Mourisca* foi já publicado depois da sua morte. Camilo Castelo Branco, que o encontrou quando ele tinha vinte e oito anos, retrata-o assim a Castilho, outro dos escritores da época: «é cirurgião e lente na escola do Porto. Deve ter 37 anos. É um sujeito doente e triste. Parece-me que tem muitíssima aptidão para a novela». (289)** O engano na idade é significativo.

A família, portuense e da burguesia abastada, era constituída por médicos – e por doentes. O seu pai (a quem até à morte chamará «Papá»), médico, viveu até aos oitenta e três anos; mas quando Joaquim tem seis morre-lhe a mãe, e aos dezasseis, dois irmãos, um com vinte e um e outro com vinte e sete. Tuberculosos, todos. É caso de se dizer que desde cedo percebeu que a doença vencia a medicina.

Desencorajado à partida, a persistente «hipocondria» – termo em uso na época, que ele aplica ao seu caso; hoje falaríamos de depressão – que revela ajudou à emergência da sua própria tuberculose? Ou a «hipocondria» era apenas a manifestação ao nível da consciência das realidades de um corpo já declinante? Os médicos que consultou, ainda até três anos antes da sua morte (por tuberculose, aos trin-

SOFRIVELMENTE.
A HORAS CERTAS E TENHO O RESTO DO DIA LIVRE»

como Júlio Dinis

ta e dois), pareciam inclinar-se para a primeira hipótese.

Joaquim sabia os efeitos da sua «hipocondria». Escreve ao seu confidente Custódio Passos: «Eu julgo que vou melhor; asseguram-me os colegas que se não fartam de clamar contra a minha imaginação como a moléstia principal de que padeço. Há verdade nisto, quero crê-lo, ainda que não no grau em que eles dizem». (124)

A tuberculose trouxe a depressão, ou a depressão a tuberculose? Especulações. O que é certo é que nem só a tuberculose e a depressão foram nucleares num percurso que tentará ser sempre «exemplar» aos olhos dos seus valores de classe. Para aguentar tamanha exemplaridade, Joaquim criou uma relação «mediada» com as realidades desagradáveis; essa mediação conseguiu-a pela escrita.

Com efeito, como vamos descobrindo ao ler-lhe as cartas, Joaquim tentou conscientemente corresponder a expectativas de proximidade total que não lhe agradariam muito, e esse esforço consciente foi sendo gorado por uma reacção corporal – a tuberculose – que lhe impunha o afastamento total de familiares e amigos.

Como viveu Joaquim essa situação pendular? Num estado de *nem cá nem lá* – estando presente pela escrita. Criou peças de teatro, contos e romances em que as famílias eram ou se tornavam harmoniosas; e correspondia-se exaustivamente com pessoas que, a estar com elas, talvez desejasse abandonar por estarem ligadas à vida portuense burguesa que detestava.

À sua prima e madrinha, um ano antes da morte, escreve:

«Na vida desconsolada e insípida que aqui passo há verdadeiramente só duas ocasiões de satisfação para mim. A primeira é quando recebo e leio com ardor as cartas da família e dos amigos; a segunda é em alguns momentos em que me esqueço da realidade em que vivo, por muito me engolfar em um certo mundo que ando construindo e na convivência de umas criaturas que me devem a tal ou qual existência de que principiam a gozar. Já vê que eu também tenho filhos e experimento um pálido reflexo dos gozos da paternidade (...) Estes meus filhos têm a vantagem de só chorarem quando eu quero e nas condições que lhes são por mim impostas. Penso como pai no destino que lhes devo dar; mas tenho nisso mais directa e segura intervenção do que os verdadeiros pais a têm em relação aos seus filhos. Enfim, vou-me contentando com esta meia paternidade, assim como o faço com os gozos da vida, dos quais uso somente em meia força para não prejudicar a minha saúde». (64-65)

É mais fácil gerir relações com personagens de ficção do que com seres humanos? É mais fácil gerir relações com seres humanos quando estas relações são *à distância*? Atente-se no que escreve ainda a Custódio: «Deixa-me dizer-te que tenho escrito alguma coisa. Disse há pouco, em uma carta que escrevi ao Nogueira Lima, que era esse o único vício que tinha. E é assim. Há poucos momentos de maior felicidade para mim hoje do que aqueles em que me absorve a atenção a composição dum romance. Consigo às vezes ver tão distintos os personagens que criei, que parece-me chegar quase a con-

vencer-me de que eles existem. E com essa gente dou-me tão bem!

Francamente te confesso que o prazer que me causam os aplausos do público, apesar de não ter a pretensiosa vaidade de dizer que me são indiferentes, é inferior a este de que te falo. Para mim o dia em que principio a perder o interesse pela gente que figura nos meus livros é aquele em que os entrego ao público. Havia de suceder-me o mesmo se educasse uma filha. Procuraria casá-la bem, mas o dia do casamento seria para mim o de um cruel desprestígio». (151)

Esta carta é escrita já de um mundo desprovido de contactos humanos significativos. A tuberculose levara-o à Madeira, e, nesse Funchal sem os seus íntimos, será a escrita de romances e de cartas a aguentá-lo face à tuberculose.

Mas, quanto à correspondência, desde sempre a favorecera como forma de estar com outrem. Nas suas primeiras cartas conhecidas, escreve: «Uma das coisas que, por exemplo, me esqueceu dizer-lhe era que me escrevesse. Você não é homem que o faça, sem lho recomendarem, assim espontaneamente, como eu o estou fazendo. Cada vez me convenço mais de que sou um homem extraordinário! Basta esta disposição para escrever cartas que há muito conheço em mim. Nos outros não vejo isto. Por muito contente me dou quando respondem às minhas». (87)

E, pouco e pouco, com a ajuda da doença, a correspondência tornar-se-á o modo predominante de comunicar sem conflitos, e só com as pessoas eleitas. Por assim, dizer, estar longe e escrever permite seleccionar os contactos que se terão de volta.

«Não me aborrece escrever para o Porto; é um trabalho como o das sementeiras, que se faz com a esperança da colheita futura. Actualmente estou em correspondência com toda a minha família, inclusive com meus três sobrinhos, de quem tenho recebido pequenas cartas que me têm feito rir» (90). Ou ainda: «Para ter jus a uma carta tua no primeiro paquete que partir para a Madeira, vou escrever-te uma pequena carta». (144)

Joaquim corresponde-se imenso, imenso: lembremo-nos de que estamos em meados do século XIX, os serviços de correio não são exactamente famosos. Pois chega em princípios de Maio a Ovar e a três de Junho já anuncia: «Tenho escrito cartas. Como costumo responder com exacta pontualidade às que recebo, calculo o número delas, avaliando-o por o destas últimas, em quarenta e tantas, sem exageração. Não me enfada esta tarefa, é um passatempo para depois de jantar e cear, com que me tenho dado bem». (97)

E ele, insociável no contacto ao vivo, escreve a uma sobrinha: «Devia-te ter já respondido, mas que queres? Tenho tanta gente a satisfazer! Hoje, porém, acordei de madrugada e vendo em cima da mesa três meias-cartas dirigidas à madrinha, Guilhermina e Quina, resolvi juntar-lhe outra meia para ti e mandá-las todas dentro de um envelope comum seguir viagem para o Porto» (30) e acrescenta: «Mas olha, tu bem sabes que preciso de escrever a tanta gente que não tenho remédio senão deixar de vez em quando alguma mais mal servida». (33)

As cartas que conhecemos são apenas uma gota de água face ao que podemos pressentir de correspondência. Por exemplo, o volume de cartas editadas (mas é verdade que o seu editor, Egas Moniz, poderá talvez ter *esquecido* algumas que achasse não deverem vir a público) apenas apresenta duas cartas de Joaquim para o pai, enquanto que numa carta à mesma sobrinha Joaquim acrescenta que «é provável que só recebas esta carta quando o Papá receber a que ontem lhe escrevi. O correio fecha a mala às quatro horas da tarde e depois desse tempo é que eu a sobrescritei». (38)

Será que hoje chamariam a Joaquim um *carta-dependente*? Para escrever nem sequer precisa de assunto:

«Como os vapores da carreira de África não têm dia certo de chegar aqui, vou principiar a escrever-te para não perder a ocasião de te mandar notícias minhas. Nada se tem passado de novo que mereça menção, mas, ainda assim con-

versaremos; da mesma maneira que eu para ir a tua casa não esperava por ter notícias a dar-te, também devo prescindir dessa condição para escrever-te» (44) ou ainda: «Um impertinente defluxo, acompanhado de um aparatoso cortejo de sintomas febris, quase me impossibilitou até hoje de escrever aos amigos, com quem sempre me é grato conversar por esta forma, já que me não é possível fazê-lo doutra.

Verdade é que na minha situação e com o género de vida que passo aqui é uma empresa difícil esta de encher algumas páginas capazes de mere-

cerem a atenção de quem viva no Porto, onde, por mais monótono que seja o modo de viver, sempre há tema para escrever todos os dias um noticiário, coisa que, afirmo-o, seria, nesta terra, absolutamente impossível. Mas como tu és daquelas pessoas com quem eu me entretenho horas, sem dar nem receber uma única novidade, com quem converso à vontade, sem dar tratos à imaginação para escolher um assunto, resolvo-me a escrever-te, apesar desta completa pobreza de notícias, e firmemente convencido que, depois da leitura, não terá aumentado com a menor partícula a massa dos teus conhecimentos . (105)

E, carta após carta, repete o quanto frequentemente escreve só na mira da resposta: «Escrevi ao Nogueira Lima; tinha-lho prometido e fi-lo com vontade por saber que é homem exacto em suas contas epistolares; e não há para mim prazer como é o de receber cartas. Não sei já o que lhe disse; nada de interessante. As minhas cartas são escritas para ter direito a uma resposta; pois não me querendo meter a descrever a vila de Ovar, não sei o que hei-de dizer em quatro ou seis páginas de papel». (91)

Que esta dependência de receber cartas o torna ansioso, é notório. Assim, a respeito das cartas do seu Custódio, escreve: «Não sei porque recebi só hoje, 26, a tua carta expedida a 24. Já estranhava a falta de notícias tuas e tinha mandado ao correio saber se havia cartas para mim». (49)

Falemos então das idas ao correio, que começam logo em Ovar, a primeira das localidades para onde a tuberculose (tuberculose, ou o seu desejo de escapar ao Porto? Nessa altura ainda são bastante indistintos) o escorraça.

«Meu Passos,

Entre as poucas distracções que esta vila oferece aos seus visitantes, nenhuma [é] tanto do meu gosto como da chegada do correio. Todos os dias me levanto mais cedo para estar às nove horas na loja em que distribuem as cartas.»

Mas depois de Ovar, o afastamento seguinte de Joaquim leva-o à Madeira, onde ninguém recebe correio diariamente. Imagine-se! A «chegada do correio» transforma-se num ritual quinzenal. E a correspondência torna-se em ela mesma uma das duas obsessões das suas cartas nessa última época. Porque as cartas da Madeira terão dois grandes temas: a correspondência e a doença, que, como veremos, por vezes é exacerbada pela primeira.

«Na monótona vida que passo nesta ilha, é a chegada dos vapores de Portugal o acontecimento que mais me alvoroça o coração. (...) Olhar em roda de nós e encontrar para todos os lados o mar, a separar-nos cruelmente dos nossos amigos; e somente em raros dias, à espera dos quais

passam melancolicamente os outros, avistar ao longe uma nuvenzinha de fumo a prometer-nos as almejadas novas... (...) Imagine pois com que ânsia rasgo os sobrescritos das cartas que recebo e vou ao fim da página procurar o nome dum amigo» (74). A outro conhecido escreve: «Não sabe o prazer com que se recebem aqui as cartas dos amigos. É geralmente um dia de febre o da chegada dos vapores». (78)

Febre? Sim. Veja-se o final do excerto desta carta a Custódio, em que desabafa finalmente:

«Dizes-me tu, na tua carta, que se esta ilha pertencesse aos Ingleses os meios de comunicação com a metrópole não seriam tão escassos como os que nós temos daqui para Portugal; sabe pois que os nossos caros aliados não esperaram que lhes pertencesse a ilha para multiplicarem o número de vasos que a frequentam. Enquanto nós, os portugueses, só sabemos notícias dos nossos duas vezes no mês, a colónia inglesa daqui tem-nas da Inglaterra quase de oito em oito dias, e, às vezes, com intervalos mais curtos. A cada momento fundeiam na baía do Funchal vapores ingleses, ou de guerra ou mercantes, que andam na carreira de África e vão para o Cabo da Boa-Esperança, ou de lá voltam.

Causam-me inveja aqueles diabos, que a cada momento me aparecem nas ruas a lerem a correspondência que receberam. Porque devo dizer-te que o momento de maior prazer que experimento aqui é quando recebo cartas de Portugal. Não fazes ideia do que é ver correr quinze dias sem saber o que terá acontecido àqueles a quem nos liga a amizade, e, no fim deles, ouvir dizer que está fundeado o vapor que nos traz essas notícias. Esse dia é um dia perdido para tudo o que não seja esperar pela distribuição das cartas, lê-las e relê-las. Eu fico com febre quando chega a noite; Não exagero. Sucedeu-me isso no dia 8 deste mês, quando recebi 10 cartas do Porto». (136)

Por vezes, doença e correspondência entrelaçam-se intimamente ainda de outro modo – o que por exemplo escreve sobre a troca de retratos mostra que os usa como conforto quando se sente «em baixo»:

«Meu caro amigo,

Aí vai a minha vera efígie. Oxalá que eu possa sempre satisfazer tão prontamente os seus desejos. Mas como o tempo não vai para desinteresses, lembro-lhe que é de justiça recompensar-me mandando-me também o seu retrato, que ainda não tenho, e obter-me o de seu mano, cuja dívida está há muito mais tempo em aberto». (81) «Recebi com prazer o seu retrato para o qual tinha, havia tanto tempo, lugar reservado. Foi-me agradável ver um rosto amigo, principalmente porque as minhas disposições de espírito eram tristes naquele momento. A causa do silêncio que tenho guardado em dois ou três paquetes sucessivos foi a da minha doença» (85). Na verdade, a doença é tão forte que consegue até interromper o fluxo da comunicação que as cartas simbolizam: «Fico por aqui para não abusar das minhas poucas forças». (85)

Entre o alívio da correspondência ou da escrita de ficção e a tristeza da doença e da solidão, Joaquim nada mais encontra. Mas afinal como chegou a essa situação?

Tão bom aluno como filho, Joaquim Guilherme Gomes Coelho, o filho sobrevivente à tuberculose dos mais velhos, forma-se em medicina no Porto tal como o seu pai, o seu Papá. E, quatro anos mais tarde, em 1865, com apenas vinte e seis, torna-se enfim parte do corpo docente da Escola Médica do Porto. Era mesmo isso o que queria? Ou esforçou-se sobretudo pelo pai? Ouçamo-lo na decisiva carta que envia a este no dia em que se sabe nomeado para o lugar:

«Papá,

A estas horas é provável que já saiba que estou despachado. (...) Nesta ocasião em que o meu futuro se fixou, não posso deixar de me recordar do muito que devo ao Papá pelos sacrifícios feitos por mim.

Alegra-me duplamente o resultado deste meu empenho porque, com o prazer que me causa, sei que não menos intenso havia de produzir no Papá, que até agora tão improficuos tinha visto ficarem os seus grandes esforços para a felicidade dos filhos.

Meus irmãos foram privados, não sei por que vistas providenciais, de colherem neste mundo os frutos da esmerada educação que lhes dera. Esse mesmo poder, que os sacrificou tão novos, parece ter-me reservado, como que para realizar em mim a recompensa que lhe merecia a resignação do Papá.

Alegra-me esta ideia e anima-me a acreditar que não me faltará a vida e a saúde para poder cumprir uma missão talvez providencial». (27)

Note-se como o jovem Joaquim se sente obrigado ao cumprimento de um dever ordenado pelo *divino*: ser a recompensa viva do Papá, preencher plenamente as expectativas parentais anteriormente defraudadas. Tal como nos contos tradicionais em que três irmãos partem em busca de um tesouro e é o mais novo e fraco que consegue o prémio, assim ele se vê a ter sozinho que fazer tudo o que os seus irmãos não fizeram, e a encher de prazer a vida do Papá para compensar a tristeza causada pela morte dos primeiros. Para ele a sua vida «terá de» ser um absoluto sucesso, mas não um sucesso debaixo de uma perspectiva indiferenciada – como é um sucesso de que o seu Papá se possa orgulhar, tem de ser um sucesso *nos termos do Papá e para o Papá*.

Quanto ao próprio Joaquim, sabe o quer da vida para além de agradar ao Papá? Provavelmente sabe que o seu querer autónomo o distanciaria do pai; mas *prefere não o saber*. Como reconhece quando escreve ao seu melhor amigo, não lhe interessa aprofundar a lucidez: «Tenho às vezes, sondando-me com o firme intento de me conhecer, chegado quase a acreditar que estou vivendo uma santa ilusão, supondo-me menos céptico do que outros que o são mais manifestamente. Desvio, porém, o espírito destas sondagens, porque prefiro iludir-me e ignorar o que lá vai no fundo». (148)

Acompanhemos as consequências desta preferência pela «ilusão», desta ignorância deliberada do «que vai lá no fundo». Voltemos atrás, a 1861, à altura em que, com vinte e dois aninhos e já acabado o curso, Joaquim tem objectivamente perspectivas de um bom emprego ao pé de casa, e convive com um grupo escolhido de amigos do seu nível social; escritos seus foram já publicados na imprensa periódica, e, sendo um «bom partido» não se queixa de amoricos não correspondidos, mas de dificuldades de escolha. Em suma, como se dizia nessa altura no Porto e provavelmente ainda se diz hoje, Joaquim pertencia àqueles que têm «o futuro todo pela frente».

Mas que prazeres lhe dá o Porto? Nenhuns dignos de menção nas cartas. Quando escreve de Ovar lembra que a vida portuense dá-lhe «insónias insuportáveis que, entre os vários incómodos que me afligiam, não eram dos menores» (94). Da vida de estudante e das suas boémias só recorda o tédio. Reagindo à idealização que um amigo faz da vida portuense, recorda: «Sempre me lembro daquela noite de S. João, do ano passado em que eu, tu e o Azevedo estivemos sentados num banco da Praça da Farinha, cada qual mais aborrecido e morto por se deitar. Recordo-me ainda que se falou na *cholera-morbus* e no *vómito negro*, assunto que mostrava bem as disposições lúgubres do nosso espírito naquela noite». (103)

Na mesma carta diz que de tal forma se sente curado dos sintomas da tuberculose que até (note-se o até) sente «... saudades do Porto, que já não me deixam viver muito satisfeito longe dele. Já me fazem falta aqueles hábitos de vida pacífica e monótona que vivia aí e, quando me lembra de voltar, já sinto uma certa alegria interior. Isto acaba de me provar que a minha cura é radical. Dos males físicos é indício suficiente de cura a boa carnação que têm admirado em mim; dos morais julgo ser indício não menos eloquente esta vontade de tornar à vida portuense com todas as suas maçadas e até com a convicção de que dentro em pouco me enfastiará» (103). E acrescenta: «Quando isto se dá comigo, que estou aqui por vontade própria e que dentro de uma hora posso satisfazer estes desejos, que fará com o nosso Teixeira Pinto, o desterrado no Fundão?

É de notar, no excerto acima, a expressão que Joaquim utiliza: está em Ovar por «vontade própria», e pode satisfazer as saudades, se quiser, apenas com «uma hora de viagem». Ou seja, quem controla as distâncias, é ele. Mas porque precisa de distâncias e de as controlar?

Claro que a busca de um clima mais saudável para retemperar-lhe os pulmões doentes é a razão que se dá a si mesmo, à família e aos amigos (e, já agora, a palavra «amigos» é aqui literal; acompanhando a quase totalidade dos homens até aos primeiros quartéis do século XX, Joaquim não tem «amigas») para abandonar o Porto. Mas seria mesmo *só* isso?

Os gostos de Joaquim, a acreditar nos passatempos que escolhe quando em Ovar se sente (mais) *livre*, não são gostos de classe média que o Papá aprovasse. Chegado a Ovar, escreve a Custódio «Tem-se-me proporcionado ocasiões de fazer algumas visitas e frequentar certas partidas [reuniões sociais] que há por aqui às noites, mas tenho-me abstido de as frequentar por me parecer um passatempo sensaborão para quem, mesmo no Porto, não morre de amores por esse género de divertimento. Mais depressa me verão a escolher feijões na casa da eira, como ontem fiz» (90). E este gosto por *escolher feijões* em companhia de pessoas abaixo da sua classe aparece ainda mais explicitamente numa carta em que ao mesmo íntimo justifica a sua demora longe do Porto: «Pode-se aqui viver, segundo as predilecções de cada um, uma vida de cidade pequena ou uma vida de aldeia. No primeiro caso frequentam-se os *salões* da localidade, discute-se o que faz a câmara, o que disse o administrador, quanto custou o chapéu do sr. F, as dimensões do balão da sra. C, etc, etc; no segundo assiste-se às lavoiras, às ceifas, às regas; conversa-se com os jornaleiros, sobre as novidades agrícolas, escuta-se o estalar das cascas nas fogueiras..., etc, etc....

Nos primeiros dias que passei aqui tive de viver do primeiro modo, aborreci-me; agora felizmente que me deixam viver do segundo; se não posso dizer que me divirto excessivamente, afirmo que não me enfastiei ainda». (96-97)

Por que é que em Ovar o *deixam viver* desta forma que o seu código de classe classifica de *irresponsável*? Podemos responder que em Ovar não tem nem laços familiares nem o estatuto de pessoa saudável – é um *doente que veio a ares*, isto é, pode fazer (quase tudo) o que lhe apetecer. A doença justifica a abstenção aos deveres de classe.

De facto a doença, isto é, a tuberculose, intervém nesta altura no percurso de Joaquim. Muito a propósito. Dois anos depois de se ter formado, Joaquim continua no Porto, trabalhando para ser admitido nos quadros da Escola Médica. Sabe que esse emprego o fixará ao Porto. De acordo com o código de conduta que a sua classe e a sua família lhe prescrevem desde a infância e que Joaquim interiorizou, os passos que se seguem no caminho para a maturidade são: primeiro, arranjar um emprego honroso que o mantenha junto da família e, segundo, contribuir para a perpetuação desta fazendo um bom casamento com uma menina burguesa. Ora se Joaquim está a ponto de cumprir o primeiro destes deveres, decididamente não vê como cumprir o segundo. Não por acaso, os protagonistas dos seus romances vivem, todos ou quase todos, amores com pessoas de condição social inferior: Madalena, a personagem central de *A Morgadinha dos Canaviais*, casa com um mestre-escola; o Daniel de *As Pupilas do Senhor Reitor* casa com uma mestra de crianças; Jorge, o primogénito de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* casa com a filha dos ex-caseiros de seu pai, e até o filho do capitalista de *Uma Família Inglesa* casa com a filha do guarda-livros da empresa. Todas as personagens em que Joaquim mais investe vivem, em suma, amores quase-quase *de pé descalço*; são amores que o Papá não aprovaria, ou, que, na melhor das hipóteses, não o alegrariam. Para o alegrar com o seu casamento tanto como fez com a admissão à Escola Médica, Joaquim teria de escolher alguém da sua classe ou de classe superior.

É então que, muito convenientemente, os primeiros sintomas da tuberculose aparecem nesse iniciar de ciclo de responsabilidades novas. E a doença constitui-se, por assim dizer, como um adiamento. Desde que acabou o curso que Joaquim está farto do Porto. A doença fornece-lhe «a» razão socialmente e emocionalmente válida para saír da esfera paterna, essa esfera que, no entanto, quando está longe, Joaquim diz adorar. E é assim que, em 1863, com vinte e quatro anos, logo Joaquim começa os seus vaivéns. Só ou com amigos. Porto-Ovar-Porto, Porto-Felgueiras-Porto, Porto-Lisboa-Porto, Porto-Lisboa-Funchal-Lisboa-Porto, Porto-Funchal-Porto...

Sòzinho, entretém o seu tempo a debulhar milho ou a escolher feijões; nas escapadelas que faz na companhia de amigos também não tem um modo de vida de futuro *pater familias*. Será por acaso que é sempre o último a querer regressar? Ouçamo-lo:

«Como sabes estamos em Matosinhos desde quinta-feira. No nosso programa de vida, religiosa e uniformemente executado, compreende-se o banho do Eugénio, tendo-me por espectador, na praia de Matosinhos; a passagem para Leça, onde vamos ver tomar banho os outros banhistas; o almoço obrigado a café com leite e a pão com manteiga, passeios extensos e variados, marítimos, bucólicos, fluviais e geórgicos, cortados pelos mais variados episódios: jantar modesto e burguês, durante o qual eu e o Eugénio discutimos pontos interessantíssimos, *verbi gratia*: se quando está a chover se molha mais quem vai devagar ou quem corre, se ele desejava ser grilo, se nos havemos de entregar a bebidas alcoólicas, etc, etc. (...) Passeamos depois do jantar (janta na linguagem da patroa), vamos ao correio buscar o jornal do Porto e alguma carta de algum excêntrico que por acaso se lembra de nos escrever.

Tomamos chá às 9 horas, entremeado com um cavaco análogo ao do jantar, e às 11 horas, mais bocado menos bocado, deitamo-nos.

Escusado é dizer que a todo o momento jogamos o xadrez, no qual eu estou revelando uma inaptidão escandalosa. Em dados momentos rilha o Eugénio um bocado das viagens ao Oriente de Lamartine e eu uma poesia de Schiller ou uma carta persa de Montesquieu. Mas isto em doses mínimas para não fazer mal.

O Eugénio andava com um prurido de ir ao Porto e já hoje falava em chegar aí amanhã. Eu não estou resolvido a acompanhá-lo. Parece-me porém que não irá ele amanhã ainda.

Eu confesso que ainda não me aborreci». (118-119)

É de espantar que não se tenha aborrecido? Segue-se agora a descrição de uma viagem em grupo:

«São três horas da tarde do dia 10 de Setembro de 1864. Estamos em Leiria na Nova Reforma da Hospedaria de João António Oliveira. O Augusto Luso dorme, o Alfredo suspeito que se prepara para o imitar, o Eugénio, meu colaborador, está sentado à janela com o seu chapéu inglês e com algumas tendências para meditações poéticas, e ouvindo embevecido as notas suavíssimas de um piano dedilhado pela menina mais velha do governador civil, nosso vizinho.

Eu escrevo-te sobre a cama em que durmo e serve-me de pasta o opúsculo de Morelet, que faz parte da bagagem do Luso.

O Eugénio não pode ocultar que sente desapontado por ver que, afinal de contas, a gente de Leiria tem uma configuração vulgar e não se torna distinta por nenhuma particularidade de organização que pudesse impressionar a imaginação apática deste *touriste blasé*. Já o ouvi dizer que, enquanto não chegar a uma terra em que sejam todos pretos, não se dá por satisfeito.

Admirámos o Castelo e o Passeio público. Não nos tem causado sensação as belezas femininas que parece quererem satisfazer os gostos do Eugénio, apresentando-se-nos todas meias pretas.

Puseram-nos, ao princípio, em dieta forçada de galinha e arroz. Agora, felizmente, já nos fazem concessão de alguma vaca. O vinho de Torres Novas, não sendo demasiado do nosso agrado, substituíram-no por o de Porto Moniz, com vantagem para o nosso paladar.

O Luso afirma que é este um vinho puro. Nós bebemo-lo acreditando na afirmação, que era o único partido razoável que podíamos tomar.

O Eugénio vai na crença de que comeu já aqui carne de rinoceronte; é uma ilusão agradável que eu não me sinto com ânimo de desvanecer». (107)

Mas Joaquim, terminados os períodos de ausência e de relações epistolares, volta sempre para o Porto. Volta para o emprego que arranjou e que não lhe permite transferir-se: «O Estado exige a minha fixação no Porto» (132), «A minha cara pátria reclama-me e eu obedeço à reclamação, ainda que não de todo em todo tranquilo de espírito» (140). E volta para o Papá. «Tenho passado sofrivelmente apesar de permanecer no Porto em consequência de um incómodo do meu Pai» (81). O Porto, para ele, não é nunca a cidade-mãe, mas a cidade-pai, o Porto são «os pátrios nevoeiros» (78), o «berço de muralhas». (126) Como escreve a Custódio, «Não é o amor ao Porto que me prende. A minha família é cada vez mais limitada. Se não fosse meu pai, talvez me resolvesse a dar um golpe de estado desses que me atrairiam dos homens sensatos o epíteto de *pateta*. Meu pai, porém, está hoje mais isolado que nunca. Eu imagino o quanto lhe há-de ter custado a separação, a um tempo, do filho e da neta. Basta que se diga que foi isso o que o obrigou a vir a Lisboa, onde ontem me apareceu. Como lhe custaria se a minha ausência fosse permanente!». (132)

É por isso significativo que em relação ao Porto se tenha decidido finalmente e escreva numa das suas últimas cartas conhecidas, um ano antes da morte: «Por enquanto tenho saudades dos parentes e amigos mas não as tenho do Porto. Se me fosse dado escolher, preferia trazer para aqui as pessoas que me são caras a ir eu para aí viver com elas. Que me perdoe o *berço de muralhas* este desapego de filho! Uma outra coisa pela qual sinto ter esfriado muito em mim o entusiasmo, é o professorado. (...) Confesso-te que, se nessas viravoltas de serviço público e reformas que aí vão, eu pudesse aproveitar ensejo para dizer adeus ao Porto e à toga, não o deixava fugir». (149-150)

O ensejo de poder dizer adeus ao Porto, porém, não apareceu. Não pôde trazer para a Madeira aqueles de quem gostava, pai incluído; não conseguiu largar o emprego, nem o Porto.

Joaquim continuou ainda por um tempo o seu vaivém, como uma carta enviada e reenviada vezes sem conta. Continuou entre a presença e a ausência do Porto, a assistência total ou o abandono do pai. Continuou a escrever romances, e

a escrever cartas. Desposando ou não as ideias paternas de sucesso, tinha dado um passo nessa direcção ao procurar um emprego fixo e prestigioso que o mantivesse ao lado do seu Papá. Com a sua tuberculose tinha dado outros passos, passos que o levavam a um mundo onde o contacto com o pai, e com todos os que consigo tinham partilhado a juventude, era forçosamente mediado pelas cartas trocadas.

As últimas cartas que escreve a Custódio manifestam a presença de ideias que o incomodam – perdeu uma tia, assistiu à morte de um colega de casa e pensa talvez no suicídio como forma de pôr termo à ansiedade: «Como é natural, nestas longas horas que vou consumindo sem fazer nada, têm-me passado pela ideia os projectos mais extravagantes. Felizmente porém a descrença que tenho de acertar com o melhor caminho neste labirinto da vida traz-me em uma irresolução, que não me deixa pôr em prática nenhum daqueles projectos». (153)

Esta irresolução liga-se à desadaptação ao mundo circundante (e lembra algumas personagens de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann). Já antes Joaquim falara de desapego a propósito do Porto, e sabemos que o Porto para si se liga ao pai. Agora é o seu «lugar na sociedade» que ele põe em questão. Como seria a obra escrita se continuasse a sua vida livre da doença, não sabemos. Teria continuado a escrever?

O equilíbrio encontrado é precário, e a própria escrita, a terapia ocupacional preferida, parece ter perdido a sua costumada eficácia. Mas ainda é a bóia de salvação: «Pedes-me que te fale de mim. Pouco tenho que dizer-te. Vou vivendo. A Madeira não reserva para mim um daqueles milagres, cuja tradição passa de família para família e se perpetua través dos séculos. Não passo mal, porém nunca livre de achaques. Nos hábitos monótonos da minha vida actual encontro certo prazer, porque não me tentam já as emoções das vidas agitadas. Esta separação em que estou do mundo quadra-se bastante com as exigências de meu espírito. A ideia de ter de voltar um dia a ocupar o meu lugar na sociedade é que me aparece já sob um aspecto tão estranho, que não posso conformar-me com ela. Não sei o que terá de suceder, mas, se estiver destinado para me demorar mais anos cá neste mundo, muito singular terá de ser a minha vida, porque o ano que está a findar tirou-me a aptidão para viver como vivia até àquela data. Tenho tentado escrever, para me distrair. Enfada-me, porém, agora, em pouco tempo, a tarefa que dantes tanto me entretinha. Isto é mal que não se cura». (148)

Joaquim morreu no Porto. Também não teria querido morrer no Funchal. E onde teria querido viver? Provavelmente, num terceiro lugar. Nessa impossibilidade, a sua vida foi uma vida de cartas e de compromissos.

Compromissos com a tuberculose que o libertava de obrigações sociais e afectivas talvez sufocantes mas o obrigava à impotência física; compromissos com a vida saudável que lhe trazia a força necessária, mas o submetia à rotina de classe. Desejava ele ser saudável, desejava ele ser doente? Que sabemos nós? Provavelmente, desejava um terceiro termo, que lhe permitisse as vantagens dos outros dois. Desejava, talvez, a capacidade de *tossir somente a horas certas*, isto é, controlar a sua tuberculose como controlava a sua correspondência – fazer dela uma actividade que lhe tomava algum tempo, lhe trazia gratificações, e lhe deixava o resto do dia *livre*.

Durante algum tempo, até isso conseguiu.

«Meu caro amigo,

Escrevo-lhe a participar-lhe que vou vivendo sofrivelmente. Já sofri um defluxo depois que cheguei, mas felizmente não teve grande importância. Agora estou em um dos melhores períodos dos meus habituais incómodos; tusso somente a horas certas e tenho o resto do dia livre. É ao que aspiro; com saúde mais apurada já não conto; assim esta se mantivesse». (83)

* *Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Santarém.*

** *A obra de que foram retiradas as presentes citações é «Cartas e Esboços Literários», (Livraria Civilização Editora, Porto, data de impressão 1979) a qual, embora dada à estampa tendo Júlio Dinis como autor, foi em 1946 organizada por Egas Moniz, que se encarregou da selecção de textos apresentada. Nalgumas cartas assinala omissões que serão presumivelmente da sua responsabilidade.*